

"Nova forma de imperialismo"

por George Soros (*)

do Financial Times

Sem intenção, ou mesmo estar ciente disso, o governo Reagan desenvolveu nova forma de imperialismo econômico que lhe permite financiar um amplo déficit orçamentário à custa dos países devedores. A política provavelmente é atraente para os eleitores, mas, sem dúvida, produzirá consequências desastrosas.

O déficit orçamentário não é proposital. É a consequência não intencionada de objetivos irreconciliáveis de política: um desejo de reduzir os gastos públicos, enquanto se mantém forte postura militar e se diminui a tributação. Quando os gastos governamentais não puderam ser reduzidos o suficiente, o déficit aumentou. Felizmente para Reagan, o déficit orçamentário põe em movimento um processo auto-reforçador que é benéfico para os Estados Unidos. Infelizmente para os países devedores, o que é um círculo benigno para os Estados Unidos é um círculo nocivo para eles.

O déficit orçamentário mantém as taxas de juros em níveis mais elevados do que seriam em caso diferente. As altas taxas de juros aliadas à liberalização financeira sugam fundos do mundo todo. As considerações políticas também desempenham seu papel: uma forte postura de defesa em um mundo repleto de conflitos tende a atrair capital estrangeiro.

O déficit orçamentário estimula a economia. Sem ele, a recuperação não teria sido tão rápida e vigorosa como ocorreu. A recuperação, combinada com as altas taxas de juros e o ingresso de capital estrangeiro, tende a manter a força do dólar. O déficit comercial, somado a uma elevada taxa cambial, tende a moderar a inflação. Como resultado, os Estados Unidos gozam da melhor situação possível: vigorosa expansão econômica junto com uma baixa inflação e um déficit orçamentário financiado pelo ingresso de produtos estrangeiros e capital estrangeiro. Chamei este círculo benigno de "Círculo Imperial".

A solidez da economia norte-americana ajuda os países devedores a aumentar seu superávit comercial. Para os outros, o "Círculo Imperial" age como um vício que os drena até a exaustão. Tanto as taxas de juros quanto o dólar

estão em níveis muito mais altos do que estavam quando as dívidas foram contraídas.

Como outras relações que se auto-reforçam e autovalidam, o "Círculo Imperial" está sujeito a ser rompido. Países como o Brasil gozaram de um período de prosperidade sem precedentes enquanto acumulavam dívidas, mas, quando a música parou, o apresentador teve de ser pago. É apenas uma questão de tempo antes que o mesmo aconteça ao déficit orçamentário norte-americano. Quando os ingressos de capital deixarem de superar o novo déficit comercial crescente, o dólar declinará e o "Círculo Imperial" se inverterá. Com o capital estrangeiro buscando refúgio em outros lugares, será mais difícil até para financiar um déficit orçamentário decrescente. Com o enfraquecimento do dólar, as taxas de juros e a taxa de inflação subirão, quando deveriam estar em declínio.

O presidente Reagan parece compreender o funcionamento do "Círculo Imperial" melhor do que seus assessores econômicos. O motivo é que ele tem mostrado tão obstinadamente oposição ao aumento das taxas. As pressões políticas e econômicas o obrigarão a fazer isso depois das eleições. 1985 poderá, portanto, ser um ano de crise econômica. A tensão entre o coletivo de bancos comerciais e os países devedores provavelmente também atingirá o auge nessa época. Países como Argentina, Brasil e México acumularam superávits comerciais expressivos; contudo estarão sofrendo de alto nível de desemprego e recessão contínuos.

Os países devedores poderão preferir estimular sua economia interna, em vez de fazer o serviço de suas dívidas externas. Se continuarem a cumprir a receita do FMI, o desconfortamento poderá encontrar expressão na ação direta. Será fácil demais interpretar os acontecimentos políticos em um contexto Leste-Oeste e combater o comunismo em toda a América Latina, para não falar das Filipinas, Tunísia ou Quênia. A desaceleração da economia norte-americana coincidiria então com uma crise de dívida ou a turbulência política na América Latina e em outras partes do Terceiro Mundo.

Não existe nenhuma alternativa à calamidade econômica e política em 1985? Acredito que existe, mas exigiria uma revisão completa da política econômica e estrangeira dos Estados Unidos.

Para equilibrar melhor o orçamento é essencial diminuir os gastos militares. Mas isso não é suficiente. O déficit orçamentário norte-americano é o último motor de inflação remanescente no mundo; se for reduzido, as forças deflacionárias predominarão e a economia mundial despencará. Os países muito endividados não estão dispostos nem capazes de pagar suas dívidas. Esse é um problema que precisa ser resolvido. Não pode ser resolvido entre os bancos e os países devedores pela simples razão de que os compromettimentos dos bancos excedem de longe seus próprios recursos. Qualquer entendimento viável necessitará de alguns compromettimentos adicionais das nações industrializadas, tanto para sustentar financeiramente os bancos quanto para assegurar um fluxo de novo financiamento.

As despesas militares podem ser reduzidas somente se houver um afrouxamento das tensões políticas. O anticomunismo conforme é professado e praticado pelo governo Reagan corre grande risco. Se interferirmos na política interna de países dentro de nossa órbita para impedir que entrem na órbita comunista, precisamos negar-lhes o privilégio de escolher sua própria forma de governo.

Como sob os atuais acordos também estamos negando-lhes a prosperidade econômica, somos forçados a depender cada vez mais de regimes opressores para manter nosso domínio. Isso já está acontecendo na América Central, e, se continuarmos no nosso atual trajeto, o resto da América Latina provavelmente seguirá o mesmo rumo.

Se trabalharmos melhor para assegurar a liberdade e prosperidade dos países na periferia de nosso império econômico, teremos menos necessidade de depender do nosso poderio militar. O modo de fazer isso não é através de doações regionais a regimes repressivos, mas resolvendo o problema da dívida internacional.

(*) Gerente de fundos internacionais baseado em Nova York.